

Simbologie e scritture in transito

a cura di Vanessa Castagna e Vera Horn

A vida num outro lugar

Identidade itinerante na narrativa de João Gilberto Noll

Vera Horn

(Universit  Ca' Foscari Venezia, Italia)

Abstract The protagonist narrator of João Gilberto Noll, a contemporary Brazilian writer, is an itinerant individual whose condition is emphasized when he moves out of his country, as we may perceive in his novels *Lorde* and *Berkeley em Bellagio*, which focus on the protagonist as he travels abroad. Noll's de-territorialized character in constant movement is a fragmented individual who adopts other identities that are beyond even his own grasp. Attempting to unify his scattered identity, he is surrounded by multiple images in permanent construction.

Keywords Identity. Exile. Wandering. João Gilberto Noll.

Depois da igreja de tijolos
expostos, cercada pelas folhas
amarelas caídas desses plátanos
que me fazem lembrar outras
folhas, outros outonos, outras
cidades. Tudo e cada coisa em
qualquer lugar lembrar 
sempre e de alguma maneira outra
coisa num lugar diverso, portanto  
inútil me deter e sigo em frente.
(Caio Fernando Abreu, *Bem longe de Marienbad*)

Queria um espaço imenso por
onde eu pudesse andar,
onde o tempo ocorresse pela a o
dos meus pés, o meu corpo
existindo para percorrer, onde eu
parasse também e na manhã
radiosa prosseguisse, onde a vida
fosse sempre um novo lugar.
(João Gilberto Noll, *Rastros do verão*)

Ao citar Paul Valéry na introdução de *Modernidade líquida*, Zygmunt Bauman já aponta para a transitoriedade e transformabilidade da condição humana e, portanto, para o prelúdio da condição líquida que caracteriza a modernidade. Essa condição é definida em *Identidade* como a 'liquefação' das estruturas e das instituições sociais, justamente porque os fluidos têm dificuldade em manter a forma por muito tempo. Se não forem colocados em um recipiente estreito, continuam a mudar de forma se impulsionados por uma força mínima (Bauman 2005a, 57).

Para o autor, os fluidos não fixam o espaço, nem retêm o tempo; na verdade, eles só ocupam um determinado espaço por um momento. O que os associa à ideia de leveza é a sua extraordinária mobilidade. Esses e outros são os motivos pelos quais podemos considerar a fluidez ou liquidez como metáforas pertinentes da atual fase da história da modernidade (Bauman 2001, 7).

Essa transformabilidade dos líquidos (uma variante dos fluidos) caracteriza os personagens de João Gilberto Noll, sejam eles sujeitos desterritorializados, vivendo no exterior, como no caso de *Lorde* (2004) e *Berkeley em Bellagio* (2002), ou em trânsito pelo próprio país, como em *Hotel Atlântico* (1986) e *A céu aberto* (1996), por exemplo. De acordo com Cordeiro, «este é o laço que amarra os narradores-protagonistas dos romances de João Gilberto Noll: sempre amnésicos e forasteiros, tanto em estradas do seu próprio país, quanto em outras nações» (2008, 39). Noll concebe sujeitos que se sentem inadequados em seu espaço original e se envolvem em processos migratórios. Mas mesmo quando não está no exterior, o personagem de Noll caracteriza-se pela errância, é um ser continuamente em trânsito, por vezes em fuga, correlativa da errância. Em *Hotel Atlântico*, por exemplo, o protagonista não revela uma identidade definida: ora é desocupado, em seguida, alcoólatra, ator, vendedor, padre. Ele se hospeda em um hotel, decide ir para a rodoviária e viajar, atravessando não-lugares (Augé 1994),¹ que não criam relações: «andei pela rodoviária algum tempo, sem saber o que fazer» (Noll 1989, 25). Durante a viagem, sem meta definida, ele chega a deixar o ônibus com a jaqueta de outro passageiro, vestindo temporariamente uma outra identidade.

Todavia, a condição itinerante e desterritorializada do personagem de Noll é acentuada quando se desloca para o exterior, como em *Lorde* e *Berkeley em Bellagio*, e passa a viver a condição de estrangeiro. Hoffman

1 «Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a 'lugares de memória', ocupam aí um lugar circunscrito e específico» (Augé 1994, 73).

(1999) afirma que «a desterritorialização envolve condições em que o conhecimento, a ação e a identidade se desvinculariam da origem física e de um lugar específico» (apud Cury 2007, 14). Em *Lorde*, o protagonista é um escritor brasileiro convidado por um personagem misterioso para uma missão na capital inglesa. Para essa missão, ele recebe uma espécie de bolsa, além do alojamento, num bairro remoto de Londres, identificado como um bairro de imigrantes: «um bairro que eu sabia longínquo, ao norte de Londres, de imigrantes vietnamitas, turcos, já fora das margens dos mapas da cidade que costumam propagar em *folders* turísticos» (Noll 2004, 15). A identidade desse escritor que vaga pelas ruas londrinas esmaece e perde contornos com seu contínuo perambular pelas ruas («o fato é que eu perdia a direção. Caminhava atabalhado, a esmo» Noll 2004, 33), por espaços de não pertencimento, e a transformação física crescente graças à tintura para cabelo, maquiagem, uso de cremes: «e essa fonte viria dali, daquele homem de cabelos castanho-claros, com a maquiagem recomposta, vivendo em Londres por enquanto sem lembrar com precisão por quê» (Noll 2004, 32). Embora alojado provisoriamente no bairro de Hackney, o escritor de *Lorde* é um passageiro de não-lugares, nos quais não trava relações e é apenas um transeunte: no aeroporto, onde questiona sua presença na capital inglesa e a falta de perspectivas na terra natal; no ônibus 55, com o qual atravessa a cidade inglesa, em lugares com os quais não se identifica, mas que o definiriam como um «daqueles escritores imigrados, sem nacionalidade precisa, sem bandeira para desfraldar a cada palestra, conferência» (Noll 2004, 33). A identificação do escritor com o passado, caracterizado por uma precariedade de que não sente falta, dá-se através dos livros que no apartamento de Hackney são dispostos sobre a lareira: «cadê minha memória? Eu fora autor de livros, eu os trouxera. Corri até a sala. Lá estavam eles sobre a lareira. [...] Era por eles que eu estava na Inglaterra. Era por eles que eu já não queria voltar para o lugar onde tinham sido germinados» (Noll 2004, 43). A vida anterior, no país natal, não tinha marcos precisos, a não ser os livros:

tinha vivido aqueles anos, vamos dizer, nu no Brasil, sem amigos, vivendo aqui e ali dos meus livros [...] passando maus pedaços e todo cheio de piruetas para disfarçar minha precariedade material não sei exatamente para quem, pois quase não via ninguém em Porto Alegre. (Noll 2004, 11)

Berkeley em Bellagio narra a história de um escritor brasileiro que não fala inglês e vai passar uma temporada em Berkeley para ensinar literatura brasileira. Dali, ele se desloca para Bellagio, na Itália, a convite de uma fundação norte-americana, para trabalhar em um novo romance. Em Bellagio, o personagem-escritor manifesta a mesma inquietação que observamos em *Lorde*: «quem será esse homem aqui que já não se reconhece ao se surpreender de um golpe num imenso espelho ornado em volta de

dourados arabescos, um senhor chegando à meia-idade?» (Noll 2003, 29); «preciso constatar que ainda sou o mesmo, que o outro não tomou o meu lugar» (24) e mais adiante: «até chegar a Bellagio e me sentir um outro» (62). Tal como em *Lorde*, o protagonista vive a experiência de ser outro, reflexo da desterritorialização de que fala Hoffman. *Berkeley em Bellagio* não foge à precariedade que caracteriza *Lorde*: «sem poder imaginar que um dia estaria aqui nesse castelo, ao norte da Itália, perto de Milão [...], um bom *signore*, geralmente sem ter onde cair morto em sua própria terra» (Noll 2003, 29). A ausência de vínculos afetivos estáveis e raízes profundas pode ser associada à errância característica dos personagens de Noll, transitando constantemente por não-lugares, o que por sua vez apontará para uma indefinição do sujeito. Viver a experiência londrina, californiana ou italiana significa desdobrar-se e construir-se entre outros.

Para Jerônimo Teixeira, «*Berkeley em Bellagio* sugere que o exílio é a condição humana natural, e um lar é sempre uma conquista difícil e precária» (2002, 126). O escritor de *Lorde* também demonstra intenção de se «auto-exilar do Brasil» (Noll 2004, 126). Ao mesmo tempo, o exílio em Noll também indica a dificuldade de (auto) reconhecer-se, de compor e recompor fragmentos. O exílio engendra a concepção identitária do sujeito deslocado e fragmentado fora do seu lugar, mas que também não estabelece relações com o novo lugar e se desloca continuamente:

parecia idêntico a tantos homens que andavam pelas ruas de Londres, poderia passar por tantos deles, que nessa minha indefinição já era maior do que eu, embora tivesse me perdido e começasse a desconfiar de que nem o meu patrão inglês poderia enfim fazer alguma coisa para me devolver a mim. (Noll 2004, 32)

O escritor de *Lorde* e *Berkeley em Bellagio* desloca-se frequentemente em meio à 'multidão': em *Lorde*, a rua, morada coletiva, é presença constante em sua marcha itinerante pela cidade, e em *Berkeley em Bellagio*, ele convive com intelectuais, estudantes, políticos. Mas é em meio à multidão que ele persegue o eu, pois «paradoxalmente, a 'individualidade' se refere ao espírito de grupo e precisa ser imposta por um aglomerado» (Bauman 2005b, 26). A errância do protagonista indica a aspiração do encontro com o eu, em uma construção identitária nova: «era desse material difuso da multidão que eu construía o meu novo rosto, uma nova memória» (Noll 2004, 34).

O personagem de Noll, marcado por sua condição errante, revela-se fragmentado, a ponto de recompor-se continuamente em sua marcha pelas ruas de Londres, na estadia em Bellagio ou na viagem de *Hotel Atlântico*, despojando-se de sua identidade para ser outro, alguém com feições diferentes, trajes, gestos, língua e posições no mundo. A mesma condição frequente em *Lorde*: «alguém com quem podemos conviver por alguns minutos sem peso ou infortúnio, mas que logo podemos deixar de lado à

procura de uma outra identidade que teima em nos escapar» (Noll 2004, 28-9). Além de representar um indivíduo fragmentado, o personagem nolliano encarna o processo de montagem e desmontagem das identidades que Bauman exprime em *Vida líquida*:

a vida numa sociedade líquido-moderna não pode ficar parada. Deve modernizar-se (leia-se ir em frente despindo-se a cada dia dos atributos que ultrapassaram a data de vencimento e desmantelamento, repelindo as identidades que atualmente estão sendo montadas e assumidas) ou perecer. (2005, 9)

Os personagens de *Lorde e Berkeley em Bellagio* realizam itinerários nômades e assumem identidades diferentes em diferentes momentos: «tinha vindo a Londres para ser vários» (Noll 2004, 28). Torna-se claro, desde o início, que uma identidade fortemente centralizada e estável é ilusória, mesmo no precário diálogo que os personagens de Noll mantêm com o passado. Para Stuart Hall, na modernidade tardia² desfaz-se a ideia de uma identidade única e permanente em prol de identidades em constante processo de mudança e transformação. Hall acrescenta que

as identidades são [...] pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós [...]. Isto é, as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora 'sabendo' [...], sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma 'falta', ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas - idênticas - aos processos do sujeito que nelas são investidos. (2011, 112)

O espalhamento identitário que caracteriza os personagens de *Lorde e Berkeley em Bellagio* identifica-se no processo que Hall descreve como o declínio das identidades puras e fixas em prol da fragmentação, da multiplicidade - «as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado» (2006, 7) - e da instabilidade: «em toda parte, estão emergindo

2 Pós-modernidade, modernidade líquida, modernidade tardia, são diversos os termos utilizados por Bauman, Hall e outros autores para descrever o momento contemporâneo. Para Justo, «supermodernidade, modernidade tardia e pós-modernidade. Sejam quais forem os nomes dados à Contemporaneidade, inegavelmente vivemos uma época em que a flexibilidade, a pluralidade, a expansão do tempo e do espaço, a realidade virtual, a exigência de movimentação e a incerteza povoam sobejamente o cotidiano do sujeito. O ser humano vive hoje uma condição de desenraizamento sem precedentes que o torna um sujeito circulante, em movimento, seja no espaço geográfico, seja no social ou psicológico» (Justo 1998, 27).

identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições» (Hall 2006, 88) e na contínua transformabilidade do parangolé.

Hélio Oiticica, referindo-se ao parangolé,³ considera que a obra requer participação corporal direta, pois além de revestir o corpo, ela pede que ele se movimente, em última análise: «o próprio 'ato de vestir' a obra já implica uma transmutação expressivo-corporal» (1986, 70). O samba, segundo Oiticica, ter-lhe-ia dado a ideia exata da criação pelo ato corporal, a «contínua transformabilidade», ao mesmo tempo em que lhe revelara o «estar das coisas», sua imanência expressiva, «que é aqui o gesto da imanência do ato corporal expressivo, que se transforma sem cessar» (1986, 75).

Oiticica propõe uma obra repleta de potencialidades, aberta a significados múltiplos, contrária à imobilidade. Podemos associar, dessa forma, a questão apontada por Stuart Hall em relação à identidade como pontos de apego temporário e representações à definição do parangolé. Esse elo de contato caracteriza, por sua vez, a fluidez que marca os personagens de Noll, que propendem justamente para essa possibilidade de abertura e transformação. Os personagens nollianos à deriva, sem relações duradouras e atores de múltiplas experiências, sem localização ou definição fixa, encontram-se no exercício de liberdade e possibilidades do parangolé. Com o parangolé, Oiticica reinventava-se na figura do outro; outros que o vestissem também assumiriam outras identidades.⁴ O indivíduo que veste o parangolé passa da posição de 'estar' no mundo para a de participar, inaugurando uma nova relação com o tempo e o espaço. O parangolé, aberto à transformação no espaço e no tempo, revela a multiplicidade de experiências identitárias que caracteriza os personagens de Noll. Para Wally Salomão, o parangolé atinge a sua plenitude como «o despertar do inconformismo de uma vida tecida de acasos miseráveis e festa que se dobra sobre si mesma e se abre o espaço em torno, se reassume e se expressa» (Salomão 1996, 28). A afirmação do autor não só aponta para a transformabilidade e abertura do parangolé, com as quais se identificam os personagens de Noll nos romances anteriormente citados, como também evoca a trajetória dos próprios personagens errabundos que se distanciam de uma «vida tecida de acasos miseráveis» («eu, que tinha vivido aqueles anos, vamos dizer, nu no Brasil [...] como viveria no Brasil dali a três,

3 O parangolé consiste em uma espécie de capa (ou tenda, bandeira e estandarte) multicolorida, que desfralda plenamente suas possibilidades de tons, cores, texturas somente quando o usuário a veste ou dança com ela.

4 «Os Parangolés funcionaram como o signo da diferença dos agentes, a sua transgressão e a sua dissolução no espaço coletivo. Como resultado da operação, Oiticica tornou-se um passista, pois conseguiu reinventar-se na figura do outro, que era o membro da comunidade» (Silva 2013, 193).

quatro meses, se todas as tentativas de viver fora dos meus livros fracassavam?» Noll 2004, 11; 17; «fingir que não pedia pedindo refeições, ou a casa de veraneio de um amigo» Noll 2003, 9) que «se dobra sobre si mesma e se abre o espaço em torno», espaço esse que pode ser compreendido tanto como novos lugares de peregrinação (Londres, Berkeley, Bellagio) ou como abertura para outra identidade; e finalmente, «se reassume e se expressa»: novas vestimentas, relações, maquiagem e cabelo novos, nova língua e movimentos contínuos (viagens, deslocamentos) que vão revelando paulatinamente um outro eu (tal como o parangolé).

A narrativa nolliana investe na falta citada por Hall, na experimentação de uma outra identidade através de diversos recursos: maquiagem, indumentas, língua. Em *Berkeley em Bellagio*, o escritor põe em xeque a própria identidade, não só em relação aos estrangeiros com quem convive, mas em relação a si mesmo:

o fato de eu estar aqui andando pelo bosque em plena madrugada me confere alguma garantia de que eu não seja um outro que de fato sou, um estrangeiro de mim mesmo entre norte-americanos (embora pisando em solo italiano)? Sou alguém que se desloca para se manter fixo? (Noll 2003, 37)

Nessa obra, a língua identifica-se como identidade do outro. O escritor que a princípio não falava inglês em Berkeley passa a ostentar essa língua como «uma segunda natureza», o idioma que o «fará ser outro» (Noll 2003, 65), em um processo semelhante ao personagem de *Hotel Atlântico*, que veste a jaqueta de outro passageiro ou a batina de padre, tornando-se provisoriamente outro. Na obra, o protagonista teme «se extraviar de sua própria língua sem ter por consequência o que contar» (Noll 2003, 20-1). A identidade do escritor de *Berkeley e Bellagio* esmaece a ponto de ser destituído da língua que o identificava com a cultura de origem: «eu era um brasileiro a pensar em inglês o tempo todo, eu era outro em mim» (Noll 2003, 84). É um escritor sem memória que resgatará a língua na volta ao país sem, no entanto, recompor os 'frangalhos' de sua identidade cultural, que é constantemente questionada na obra: «devagarinho vou ganhando a lembrança do meu português, a língua sai de mim em pedacinhos, escorrega de repente, apanho-a cansado, devolvo-a à minha boca, a palavra ecoa novamente» (Noll 2003, 89). O esquecimento também está presente em *Lorde*: «parecia só existir aquilo, uma casa desconhecida que teria de ocupar, uma língua nova, a língua velha que tão cedo assim já me parecia faltar em sua intimidade, a não ser, é claro, as noções gerais» (Noll 2004, 19) e faz parte do desejo de desprender-se da própria identidade e ser vários: «um só não me bastava agora – como aquele que eu era no Brasil» (Noll 2004, 28). A nova identificação com a língua materna também aparece em *Lorde*, embora sob outra roupagem: o escritor deixa Londres

e se dirige para Liverpool, onde, identificado por uma professora de uma Universidade local, recebe um convite para lecionar português naquela instituição.

A vertigem da alteridade experimentada pelos protagonistas de *Lorde* e *Berkeley em Bellagio* reflete-se no 'drama' do estrangeiro, na definição de Iain Chambers, o qual passa a experimentar tanto a dispersão preliminar de histórias e memórias, como a tradução em novos arranjos ao longo de percursos emergentes (o que de certa forma remete à tripla ruptura de Rushdie):⁵ o novo rosto, a nova memória de que fala Noll (2004, 34). Quando o protagonista de *Lorde* afirma que «ninguém mais me reconheceria, já que tinha feito uma reforma em cima de alguém que eu mesmo começava seriamente a estranhar» (Noll 2004, 27), o homem de cabelos pintados e maquiado em que se transforma encarna esse sujeito «in an interminable discussion between scattered historical inheritance and a heterogeneous present» (Chambers 2005, 6).

Os personagens desterritorializados de Noll não se integram, não possuem elos de identificação com o espaço, nem relações humanas dignas de nota; o tempo é rarefeito. Os raros vínculos que se estabelecem apontam para a construção de uma identidade frágil, líquida. Essa questão nos leva de volta ao pensamento de Bauman sobre os líquidos. Como vimos, segundo o autor, os líquidos não mantêm a forma com facilidade, não fixam o espaço, nem prendem o tempo. Os líquidos não se detêm nas formas e estão sempre propensos a mudá-las. Preenchem o espaço «apenas por um momento» (Bauman 2001, 8). As experiências londrina, californiana ou italiana dos protagonistas de Noll, seu contínuo vagar pelas ruas, sem vínculos, em «imagens [...] móveis, rápidas» (Oiticica 1986, 73) que desfraldam várias possibilidades («tinha vindo a Londres para ser vários» Noll 2004, 28), abertas a transformações no tempo e no espaço, revelam a precariedade da existência e um sentimento de indefinição e provisoriidade. Em *Lorde*, o personagem escritor protagoniza a experiência de desdobrar-se pelo espaço, multiplicando-se, ancorado no presente, e essa multiplicidade, também experimentada em *Berkeley em Bellagio*, faz com que o indivíduo se perca de si mesmo. Por ser múltiplo, ele também é fugaz. A dimensão espacial e temporal fragmentárias e desprovidas de marcas identitárias e os contínuos deslocamentos acabam por marcar a construção identitária do sujeito. O protagonista fragmentado de Noll, entre a pluralidade e a rapidez das mudanças que sofre, representa o sujeito contemporâneo, um sujeito em conflito, deslocado, descentrado, identificado por Hall (2006) e Bauman (2001, 2005) nas obras citadas. De acordo com Cordeiro, «por não conhecer mais seu lugar no mundo, o

5 Segundo Rushdie, um imigrante sofre tradicionalmente uma tripla ruptura: perde seu lugar, adota uma língua estrangeira e se vê cercado de indivíduos cujos códigos de comportamento são diferentes ou mesmo ofensivos em relação aos seus (1991, 301-4).

homem torna-se desarticulado» (2008, 73). O senhor de cabelos pintados, o escritor que fala inglês, o personagem que veste a jaqueta de outro passageiro de um ônibus encarnam identidades móveis e passageiras do indivíduo contemporâneo/personagem nolliano. Noll coloca em cena sujeitos itinerantes, problematizando, assim, o conceito de identidade. Sua condição errante permite que se desvinculem de sua origem e de um lugar específico e passem a vivenciar a fragilidade de uma existência amparada em referências múltiplas e transitórias e os conflitos dela advindos, eventualmente levados às extremas consequências. Nas cenas finais de *Lorde*, a identidade do personagem sofre uma desintegração quando sua imagem se funde no espelho com a do amante («eu não era quem eu pensava» 2004, 109), numa representação construída a partir do lugar do outro. Por um momento, ele é um professor universitário, mas em seguida, «com passos decididos de um novo homem» (2004, 110), dirige-se ao cemitério mais antigo da cidade, onde adormece tentando sonhar o sonho do outro – sono que pode ser sonho ou morte.

Bibliografia

- Abreu, Caio Fernando (1996). «Bem longe de Marienbad». *Estranhos estrangeiros e pela noite*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Augé, Marc (1994). *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. di Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus.
- Bauman, Zygmunt (2001). *Modernidade líquida*. Trad. di Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Zygmunt (2005a). *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. di Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Zygmunt (2005b). *Vida líquida*. Trad. di Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.
- Chambers, Iain (2005). *Migrancy Culture Identity*. London; New York: Routledge.
- Cordeiro, Sarita Costa Erthal (2008). *Por vias e desvios: Um panorama sobre o protagonista de João Gilberto Noll em suas trilhas contemporâneas* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Estadual Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes.
- Cury, Maria Zilda Ferreira (2007). «Novas Geografias narrativas». *Letras de Hoje*, 42(4), 7-17.
- Hall, Stuart (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. di Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hall, Stuart (2011). «Quem precisa da identidade?». Silva, Tomaz Tadeu (ed.), *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.

- Justo, José Sterza (1998). «Errância e errantes: um estudo sobre os andarilhos de estrada». Justo, J.S.; Sagawa, R.Y. (eds.), *Rumos do saber psicológico*. São Paulo: Artes & Ciências.
- Noll, João Gilberto (1989). *Hotel Atlântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Noll, João Gilberto (1996). *A céu aberto*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Noll, João Gilberto (2003). *Berkeley em Bellagio*. São Paulo: Francis.
- Noll, João Gilberto (2004). *Lorde*. São Paulo: Francis.
- Noll, João Gilberto (2008). *Rastros do verão*. Rio de Janeiro: Record.
- Oiticica, Hélio (1986). *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Rushdie, Salman (1991). *Patrie imaginaire*. Trad. di Carola Di Carlo. Milano: Mondadori.
- Salomão, Wally (1996). *Qual é Parangolé?* Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Silva, Renato Rodrigues da (2003). «Os Parangolés de Hélio Oiticica ou a arte da transgressão». *Revista USP*, 57, 181-95.
- Teixeira, Jerônimo (2002). «Canção do exílio. O gaúcho Noll dá abrigo, ainda que precário, aos seus desajustados» [online]. *Veja*, 23 de outubro de 2002, 126. URL <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> (2016-08-06).